

INVESTIGAR E INTERVIR PARA TRANSFORMAR: ESTÍMULOS E DESAFIOS METODOLÓGICOS À INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

INVESTIGATING AND INTERVENING TO TRANSFORM: STIMULUS AND METHODOLOGICAL CHALLENGES TO ACTION RESEARCH

Ricardo Cardoso¹ [0000-0002-9825-8004]

Helena Almeida² [0000-0001-5798-3501]

¹FPCE-UC, Portugal, ricardo.cardoso.folgosa@gmail.com

²Universidade de Coimbra, CEIS20, FPCE-UC, Portugal, helena.almeida@fpce.uc.pt

Resumo

Num processo de investigação que se desenvolveu no âmbito de um programa de doutoramento em Serviço Social, no qual se privilegiou a metodologia de investigação-ação para captar a essência cultural, política e social de uma comunidade rural, de que forma pode o investigador lidar com os desafios colocados às metodologias participativas que promovem investigação e ação, na tentativa de conciliar a proximidade exigida para conhecer com a distância que deve manter para poder investigar? No projeto mais amplo de investigação, que decorreu num programa interuniversitário de doutoramento em Serviço Social em Portugal, desenhou-se um projeto de investigação-ação através de um diagnóstico que se apoiou, essencialmente, no Vozes da Folgosa, um jornal que existe em Folgosa do Douro desde 2014 e que tem vindo a recolher narrativas e histórias de vida dos sujeitos pertencentes a essa comunidade. À medida que se resgata a história de Folgosa do Douro através da oralidade dos participantes, constrói-se, através do método biográfico, um conjunto de dados que não reportam apenas conhecimento sobre o contexto comunitário, mas também evidenciam algumas necessidades e problemas que cada um dos participantes tem. De que forma é que este conhecimento que se tem da realidade pode ser devolvido aos sujeitos e que processos hermenêuticos lhe são aplicáveis? Este projeto de investigação almejou a resolução de problemas, o aumento da consciência crítica e a transformação da vida dos sujeitos participantes.

Palavras-chave: investigação-ação, serviço social, narrativas e histórias de vida, conscientização.

Abstract

In a research process that was developed within the scope of a doctoral program in Social Work, in which the action research methodology was privileged to capture the cultural, political and social essence of a rural community, how can researchers deal with the challenges posed to participatory methodologies that promote research and action, in an attempt to reconcile the proximity required to know with the distance they must maintain to be able to investigate? In the broader research project, which took place at the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra and at the Faculty of Human Sciences of the Portuguese Catholic University, an action research project was designed through a diagnosis that was essentially supported in Vozes da Folgosa, a newspaper that has existed in Folgosa do Douro since 2014 and has been collecting narratives and life stories from people belonging to that community. As the history of Folgosa do Douro is recovered through the oral expression of the participants, a set of data is constructed using the biographical method that not only reports knowledge about the community context, but also highlights some needs and problems that each one of the participants has. How can this knowledge of reality be returned to subjects and what hermeneutic processes are applicable to it? This research project aimed to solve problems, increase critical awareness and transform the lives of the participating subjects.

Keywords: action research, social work, narratives and life stories, awareness.

INTRODUÇÃO

O presente artigo persegue dois objetivos centrais: o de compreender como deve o investigador, no uso da metodologia de investigação-ação (I-A), lidar com a proximidade exigida para conhecer e com a distância que deve manter para poder investigar; e o de elencar que processos hermenêuticos podem ser usados para, durante o processo de I-A, devolver aos sujeitos participantes o conhecimento que vai resultando do processo em si.

Estes dois objetivos elencados surgem no decorrer de uma investigação mais ampla, num programa de doutoramento interuniversitário em Serviço Social da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, onde se criou um projeto de I-A através da construção de um jornal de recolha e partilha de narrativas e histórias de vida, em Folgosa do Douro, concelho de Armamar, distrito de Viseu.

Em 2014, devido à inexistência de uma história documentada e oficial de Folgosa e tendo em vista o resgate dessa história através da oralidade dos participantes, concebeu-se um jornal designado por Vozes da Folgosa (VdF). Ao longo dos anos, à medida que o jornal ia sendo editado, os sujeitos que no projeto iam participando, não só contribuíam para o resgate da tal história daquela comunidade, como também, à medida que iam partilhando a sua história de vida, deixavam transparecer um conjunto de problemas e necessidades.

Através de um diagnóstico social, tendo como base as edições do VdF e conversas intencionais, foi desenhado um projeto no âmbito do curso de doutoramento em Serviço Social, onde foram elencados problemas, as respetivas necessidades, objetivos gerais e objetivos específicos. Foram criadas ações e respetivas atividades que foram desenvolvidas ao longo de dois anos nos dois ciclos de I-A criadas para o efeito, tendo como principal objetivo colmatar a falta de envolvimento comunitário, a falta de história escrita de Folgosa do Douro e a falta de uma visão otimista em relação ao futuro. A produção do conhecimento que daqui surgiu exigiu algumas estratégias de organização individuais e coletivas que envolveram a necessidade explicativa das atividades, das visões de mundo, de ciência, tecnologia e sociedade (Mallmann, 2015).

1 SERVIÇO SOCIAL E INVESTIGAÇÃO-AÇÃO: MERGULHAR NO MUNDO PARA O TRANSFORMAR

Durante as últimas duas décadas do século XX, houve um aumento do interesse sobre a importância da pesquisa para a renovação do Serviço Social, especialmente em Portugal. No entanto, uma análise histórica revela que investigar em Serviço Social não é uma tendência recente. Ao longo do século XX, a investigação social foi ganhando espaço e reconhecimento, desempenhando um papel crucial na transformação do Serviço Social. A tradição da investigação crítica remonta ao final do século XIX, quando o Serviço Social ainda estaria num processo de organização enquanto profissão. Mesmo antes dos assistentes sociais terem um estatuto profissional definido, estes interventores sociais, envolvidos em centros sociais franceses e assentamentos ingleses, já participavam ativamente em levantamentos de necessidades sociais, organização de ficheiros sociais e estudos científicos sobre a pobreza (Richmond, 2005). Essa abordagem visava estabelecer um modelo de ajuda social baseado num conhecimento objetivo da realidade social, influenciando diversas experiências de intervenção social (Mouro, 2004).

Às ciências sociais no geral, e ao Serviço Social em particular, impõe-se a questão relacionada com a distância a que se deve investigar e que metodologia de investigação deve ser usada para a intervenção social na contemporaneidade.

A apresentação do capítulo que Isabel Guerra (2010) dedica à metodologia de I-A, na obra “Fundamentos e processos de uma sociologia de ação”, começa por questionar se “para pensar o mundo temos de nos distanciar ou de mergulhar nele?” (p. 51) e a resposta parece-nos óbvia: é necessário mergulhar no mundo para que o possamos investigar e conhecer.

Na nossa conceção, o ato de “mergulhar no mundo” para o conhecer deverá considerar uma metodologia que o permita fazer. A metodologia de I-A tem a sua origem, segundo Esteves (2014), no trabalho de Kurt Lewin designado por “Action Research” nos EUA e é um produto da primeira metade do século passado, que foi desenvolvido tendo em vista a resolução dos problemas sociais norte americanos daquela época.

Esta metodologia constitui-se sob a forma de questionamento, onde os participantes, numa dimensão reflexiva, tentam dar resolução aos seus problemas (Kemmis, 1992).

A I-A é geralmente concebida em estreita relação com os problemas coletivos, onde os investigadores, tal como os sujeitos participantes, são parte integrante do procedimento investigativo onde se envolvem concertadamente, contribuindo para a resolução dos problemas que têm em comum. Esta metodologia envolve a ação de pessoas no próprio processo de investigação, estando-lhe subjacente o aumento do conhecimento e da sua consciência crítica em relação a si e ao mundo que os rodeia (Thiollent, 1985).

Por isto, será difícil entender a I-A como uma metodologia que se pode realizar a distância, devido, essencialmente, à dimensão transformadora que lhe está subjacente e que deixa clara que a intencionalidade de ação e de investigação só se pode fazer por proximidade. Mesmo que hipoteticamente, no âmbito desta metodologia, se pudesse investigar com a distância que o paradigma positivista exige, estaríamos, por certo, não só a descontextualizar o sentido epistémico da própria metodologia, como também a retirar-lhe todo o seu sentido emancipador deixado pela Escola de Frankfurt como herança.

Questões como a distância, a neutralidade e a objetividade não parecem ser dimensões adequadas às regras dentro das quais a metodologia de I-A se rege. Quem constantemente denuncia um conjunto de vulnerabilidades à metodologia de I-A, colocando a sua cientificidade em xeque, parece-nos fazê-lo mais por motivos que se relacionam com a falta de enquadramento paradigmático, do que propriamente um esclarecimento real sobre a sua importância enquanto metodologia de investigação (Coutinho, 2013).

Consideramos o positivista, o interpretativo e o sócio crítico como os três paradigmas¹ científicos principais, onde as ciências sociais têm encontrado, ao longo dos tempos, um certo enquadramento epistemológico e contextual. Em relação ao paradigma positivista, as ciências sociais passaram por uma fase de subjugação, depois por uma fase de rompimento e, por fim, por uma fase de emancipação (Amado, 2013).

Enquadrada no paradigma científico sócio crítico, a metodologia de I-A ganha uma postura contrária à objetividade e neutralidade incutida pelo paradigma positivista e à subjetividade do paradigma interpretativo. O paradigma científico sócio crítico usa as práticas de investigação numa conceção ideológica e valorativa que determina o conhecimento que daqui advém. A investigação, tal como referia Jürgen Habermas, deverá ter como intenção a mudança e, por isso, pôr a descoberto as ideologias que condicionam o acesso ao conhecimento (Coutinho, 2013).

Assim, conhecer em proximidade permite i) aumentar a intimidade com a realidade local e, a partir daqui, fomentar uma maior compreensão que se pode ter do contexto de intervenção; permite também a ii) participação ativa dos sujeitos e investigadores ao enfatizar a constante interação e ao privilegiar uma maior colaboração para o mesmo fim. Por ser participativa, a metodologia de I-A, tal como faz referência Baldissera (2001), supõe uma co-implicação no trabalho de todos os envolvidos no projeto, promovendo a socialização de experiências, assim

¹ Fazemos referência a Thomas Kuhn (1991) por nos explicar que paradigma é um conjunto de valores, crenças, postulados e que são partilhados por uma escola e/ou comunidade científica resultando numa espécie de modelo de prática científica.

como os próprios conhecimentos metodológicos e teóricos do processo de investigação. Conhecer em profundidade também permite iii) a construção de relacionamentos sólidos entre todos aqueles que fazem parte do projeto transformador, eliminando as barreiras formais entre sujeitos participantes e investigadores, potenciando o trabalho em conjunto e o estabelecimento de relações de confiança, o que é crucial para se compreender as necessidades e problemas (Ander-Egg, 1990). Por fim, conhecer em profundidade possibilita iv) uma adaptação dinâmica, através de metodologias que permitam o constante ajuste a cada ciclo de investigação, privilegiando a resolução de problemas e necessidades ao invés da busca de leis universais.

Conhecer em profundidade, como vimos, permite-nos um entendimento crítico da realidade. O envolvimento ativo quer do investigador, quer dos participantes no sucesso do projeto prático e a natureza ativista da investigação por si, podem ser considerados como um eficaz estímulo ao rigor no que toca à recolha e análise das informações que vão emergindo da própria I-A, promovendo mudanças, até aquelas de natureza política (Pardal & Lopes, 2011).

Em Portugal, a investigação científica que se opera dentro da área científica do Serviço Social carece ainda de dados concretos que nos permitam entender a utilização da I-A neste campo. Todavia, relativamente aos projetos de investigação ao nível de doutoramento, estes têm assumido uma postura interpretativa/hermenêutica e não são tão preocupados com a transformação prática do quotidiano dos sujeitos.

O afastamento que ainda se mantém em relação a esta metodologia de investigação científica não se justifica, essencialmente porque o Serviço Social desempenha um papel crucial no desenvolvimento das comunidades, promovendo a mudança, o desenvolvimento e a libertação das pessoas. Apesar da ênfase na transformação social, a definição mais recente do Serviço Social não especifica uma abordagem concreta de pesquisa, destacando a necessidade de uma postura que fomente a relação dialógica entre pesquisa e ação (IFSW, 2014).

Durante muitos anos, o Serviço Social foi caracterizado por uma perspetiva ativista, tendo por base uma divisão clara entre aqueles que produziam conhecimento científico e aqueles que realizavam intervenções nos contextos sociais. A profissão de assistente social evoca uma gama de significados relacionados com a atuação em diferentes áreas. O Serviço Social é visto como um facilitador fundamental para a mudança, o desenvolvimento e a libertação das pessoas, guiado pelos princípios de justiça social, direitos humanos, responsabilidade coletiva e respeito pela diversidade cultural e social (IFSW, 2014).

Na revisão de literatura que realizámos em relação ao uso da metodologia de I-A em países estrangeiros, destaca-se o amplo uso das metodologias I-A e Investigação-Ação Participativa (I.A.P.) na área científica do Serviço Social. Autores como Westoby, Lathouras e Shevellar (2019) e Cabiati e Folgheraiter (2019) adotam a I.A.P. para combater forças opressoras e promover a conscientização crítica em estudos relacionados com o compromisso dos assistentes sociais com a mudança social.

A I.A.P. é especialmente valorizada no contexto do desenvolvimento comunitário, sendo considerada eficaz na transformação do quotidiano devido à sua adaptabilidade a contextos específicos (Bortoletto, 2017). Além da sua posição metodológica, a I.A.P. exige uma postura que rompe radicalmente com paradigmas dominantes, contribuindo para o desenvolvimento das ciências sociais voltadas para a transformação social (Esteves, 2014).

Karen Healy (2006), Alcides Monteiro (1995), Paulo Freire (2002), Boaventura Sousa Santos (2002), Rosa Lima (2003), Orlando Fals Borda (2009) e Karl Marx (2020) defendem a participação e intervenção como chave para a mudança na comunidade científica. A I-A, apesar dos desafios em superar posições enraizadas no positivismo, é vista como uma oportunidade para promover uma abordagem mais participativa na investigação e na ação social.

A relação entre Serviço Social e metodologia de I-A pode trazer benefícios significativos, quer para a investigação, quer para a ação. Além das reconfigurações metodológicas, espera-se que essa parceria possa romper com paradigmas que têm na sua génese o espírito cartesiano, permitindo que o investigador desempenhe um papel mais ativo na ação que visa a transformação social. Por isto, reconhecemos que a metodologia de I-A tem ainda um caminho

longo a ser travado no campo onde as ciências sociais se fazem acontecer, mas esta metodologia, geradora de conhecimento e de transformação que se dá de pessoas para pessoas, reveste-se de uma importância cada vez maior para as ciências que operam a ação social.

2 A HERMENÊUTICA COMO ALAVANCA PARA O AUMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA: O CASO DO PROJETO VOZES DA FOLGOSA

O roteiro que traçamos para este estudo que aqui se apresenta encara a hermenêutica como processo de aumento de consciência crítica dos sujeitos que participaram no projeto VdF. Por lhe estar associado significados díspares devido aos diferentes usos a que tem vindo a ser submetida, o conceito de hermenêutica que trazemos à nossa realidade é aquele que ganha sentido com a filosofia que estuda a teoria da interpretação e que procura, no nosso caso, elencar os mecanismos usados para atribuir significado às transformações a que os participantes estiveram sujeitos.

O sentido que damos à hermenêutica insere-se na dupla rotura epistemológica a que Boaventura de Sousa Santos define como a transformação do senso comum e da ciência. É esta transformação que possibilita o diálogo do conhecimento e que se dá entre os discursos vulgares (senso comum) e os mais eruditos (ciência), e é precisamente neste lugar que colocamos o projeto que tem vindo a ser desenvolvido desde 2014, que recolhe e partilha narrativas e histórias de vida de pessoas que se encontram numa situação de vulnerabilidade numa comunidade rural. Nesta posição não retornamos ao senso comum, nem o rejeitamos; antes, tornamo-lo num elemento constitutivo do saber prático (Santos, 2002).

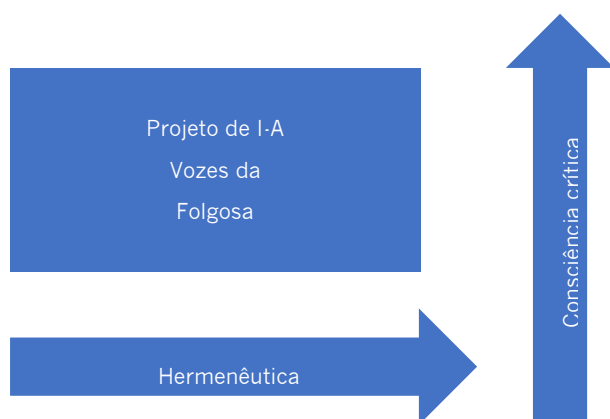
O VdF, desde a sua génese, tem contribuído para o resgate da história de Folgosa. Esta freguesia duriense, pertencente ao concelho de Armamar, distrito de Viseu, não tem uma história oficial devidamente documentada relativa ao património da sua comunidade. Na tentativa de se colmatar esta necessidade, criou-se, há dez anos, um projeto que se materializa num jornal e que tem como grande objetivo a criação da história de Folgosa através da oralidade dos seus participantes. O método biográfico aqui usado, através das narrativas e histórias de vida, é um contributo imensurável para a ciência no âmbito da compreensão da realidade social destes sujeitos e da sua carência de uma postura hermenêutica dos fenómenos que daqui ocorreram (Moriña, 2017).

O nosso trabalho de investigação e intervenção social teve como pressupostos emancipatórios o convite à participação dos sujeitos, para também poderem ser agentes de produção da sua própria cultura e não ficarem reféns da cultura produzida pelas massas. Aqui a I-A serviu como procedimento, a consciência crítica como processo e a hermenêutica como produto (Costa, 1994).

A relação existente entre I-A, a hermenêutica e o processo de consciência crítica no projeto VdF, representado na Figura 1, admite três eixos para a compreensão de como a hermenêutica poderá ser uma alavanca para o aumento da consciência crítica. Neste âmbito, o projeto de I-A sobre o VdF permitiu que os participantes pudessem identificar problemas e necessidades relativos à sua própria realidade.

Figura 1

Relação de I-A, hermenêutica e consciência crítica



No decorrer da investigação, que se desenvolveu durante o período de dezembro de 2021 e dezembro de 2023, quer o investigador, quer os participantes foram envolvidos na tentativa de resolução de problemas práticos de forma colaborativa, isto porque a metodologia de I-A permitiu que todos os sujeitos pudessem planejar as ações, participar nas atividades, implementar mudanças e avaliar os resultados. Os típicos ciclos de I-A incluem a observação, a reflexão, o planeamento e a ação (Ceballos, 2011).

À medida que as transformações resultantes do processo de ciclo de I-A iam acontecendo, foi necessário traduzir, numa perspetiva interpretativa, ou seja, hermenêutica, as principais alterações a que cada um foi sujeito. Neste contexto, a hermenêutica permitiu-nos uma interpretação subjetiva do diálogo entre os participantes a fim de atribuir significado a cada situação de mudança. A hermenêutica, enquanto processo interpretativo, reconhece a influência que o contexto social, cultural, histórico e até oral tem para os sujeitos, permitindo que os mesmos possam desencadear uma interpretação reflexiva de si e dos outros no e com o mundo (Costa, 1994).

À medida que as transformações foram acontecendo, foi necessário ajustar um procedimento que pudesse informar e esclarecer os envolvidos, resultante do envolvimento que cada um teve no projeto de I-A. Assim, tendo em vista a necessidade de lhes dar *feedback*, tivemos em consideração uma abordagem colaborativa, que permitiu o envolvimento dos sujeitos no próprio processo de investigação e de decisão, promovendo uma relação de transparência e de criação de soluções para os problemas e necessidades apresentados. Para que isto acontecesse, durante todo o processo de investigação, promovemos:

- O diálogo contínuo com os sujeitos ao longo de todo o projeto de I-A, permitindo que os mesmos pudessem contribuir com as suas experiências para a resolução dos problemas elencados;
- Uma adaptação às necessidades de cada participante, mostrando sensibilidade às circunstâncias individuais de cada indivíduo;
- Diversas formas de dar *feedback* aos sujeitos participantes, não só através de reuniões ou de conversas intencionais, mas também através de documentos científicos, anotações do investigador ou outros trabalhos resultantes da I-A;

• A reflexão, através do constante estímulo dos participantes, que aconteceu não só através de fóruns virtuais, mas também através de conversas intencionais que convidaram à reflexão crítica sobre o projeto de investigação, a exequibilidade do mesmo e a sua proficuidade.

Para todo este procedimento, foi necessário, numa perspetiva avaliativa, submeter as aprendizagens a que os participantes foram sujeitos. Por um lado, porque desenvolvemos um projeto de I-A e era necessário atribuir significado às aprendizagens a que cada participante foi sujeito a cada ciclo de investigação. Por outro lado, porque a consciência crítica de cada sujeito foi considerada como um patamar que tinham de alcançar para poderem transformar a sua realidade.

O projeto que desenvolvemos visou capacitar os participantes com uma consciência crítica em relação ao mundo, promovendo uma educação emancipatória. Este processo é alcançado através da relação dialética entre o Homem e o Mundo, levando os indivíduos a uma maior compreensão de si mesmos e da sua ação no mundo (Freire, 1980).

Paulo Freire aborda, na sua obra, a dualidade entre sujeitos oprimidos e forças opressoras, explorando conceitos como pedagogia bancária/libertadora, humanização/desumanização e hierarquia/diálogo. Ele propõe uma educação que almeje não apenas a libertação intelectual, mas também a existencial, com o objetivo político de mudar a realidade social para uma existência sem opressão. A pedagogia crítica, derivada da teoria crítica da sociedade, privilegia o caráter político do ensino e busca a emancipação da opressão através do desenvolvimento da consciência crítica (Freire, 1987).

Freire descreve três fases em relação ao mundo: imersão, em que o sujeito está totalmente envolvido na realidade sem capacidade de objetivá-la; emersão, em que ele começa a objetivar o mundo e desenvolve curiosidade para compreendê-lo; e inserção, marcada pela ação do homem no contexto, modificando-o e transformando-o (Oliveira & Carvalho, 2007).

Além da relação do homem com o mundo e consigo próprio, Paulo Freire também discute três níveis de consciência. A consciência intransitiva é o patamar onde o homem só percebe a realidade apenas na sua dimensão biológica; a consciência transitiva é caracterizada pela capacidade do homem em dialogar consigo próprio e com os outros, indo além da sua esfera pessoal; por fim, a consciência crítica, que seria o patamar onde o sujeito percebe as causas dos acontecimentos do mundo e adota uma postura crítica em relação aos mesmos, desejando a sua realização ontológica e histórica através da humanização (Freire, 1979).

O trabalho do filósofo Hans-Georg Gadamer centra-se na crítica à alienação causada pela ciência moderna e ao critério de objetividade que ela estabelece. Opondo-se à concessão de objetividade, Gadamer (1983), introduz uma noção de sentido objetivo resultante da interação entre sujeito e objeto, destacando a importância da interpretação, que requer a consideração dos diferentes horizontes de sentido. A compreensão é vista como uma aventura sem garantias, onde o diálogo desempenha um papel fundamental na produção de sentido, sendo a linguagem o contexto essencial. Este autor defende que toda a experiência humana é dialogante e que a participação numa tradição depende da interpretação dos signos culturais. A superação da dicotomia entre sujeito e objeto é alcançada pelo diálogo, fundamental para a construção do sentido da experiência humana. No Serviço Social, a hermenêutica pode contribuir para mobilizar a força emancipatória das comunidades. A investigação-ação pode articular o processo de interpretação das comunidades no contexto da sua trajetória histórica, promovendo o diálogo entre os discursos populares e científicos para a emancipação social e cultural.

3 METODOLOGIA

Este estudo integra-se numa investigação mais ampla, no âmbito de um projeto de I-A que decorreu sob o domínio do programa interuniversitário de doutoramento em Serviço Social (2020-2024). Pretende-se descrever e avaliar a proficuidade da realização de projetos de investigação que premeiam a proximidade com os participantes e a forma como foi devolvida a informação resultante do processo a todos aqueles que participaram no VdF.

Os sujeitos participantes foram todos aqueles indivíduos que moram ou moraram em Folgosa do Douro, independentemente da sua idade, e que participaram no VdF, partilhando narrativas e/ou histórias de vida, lendo, divulgando ou fazendo parte das ações e atividades.

Sob o espírito da metodologia de I-A, o método biográfico, aqui através das narrativas e das histórias de vida dos participantes, teve um papel preponderante na forma como se adquiriu a realidade, principalmente devido à sua capacidade em resgatar conhecimento muito rico na complexidade das narrativas que os sujeitos podem exprimir (Ferrarotti, 2013).

Para este estudo, serão analisadas também conversas intencionais que resultaram da relação dialógica entre todos os envolvidos, e um questionário breve, direcionado aos participantes da Noite Europeia de Investigadores (NEI) que decorreu em Armamar em setembro de 2023².

4 RESULTADOS

Ao analisarmos os dados resultantes do conjunto de ações e respetivas atividades desenvolvidas entre dezembro de 2021 e dezembro de 2023, verificamos que a participação dos sujeitos foi aumentando ao longo das edições do jornal VdF. A dinâmica criada pela I-A exigiu uma relação de proximidade entre todos os envolvidos, mostrando ser um fator potenciador da participação dos sujeitos: “No outro dia vieram-me cá com um questionário, por causa de uma pesquisa que andam a fazer, mas eu não soube responder a nada daquilo. Parece que até têm medo de falar com as pessoas!” (AS³, 2021), partilhou uma das participantes do VdF, a propósito de um questionário que estavam a realizar no âmbito de um estudo académico da UTAD. Outros sujeitos, à medida que participavam em atividades relacionadas com o VdF, iam perguntando pelas atividades futuras ou então pedindo esclarecimentos sobre as atividades presentes: “Sabes, o que poderíamos fazer era convidar um grupo de pessoas que tenham estado na Guerra de Ultramar e pedir-lhes para partilharem a sua história” (JRN, 16.^a Ed.); “O que eu gosto é da sensação de estarmos todos juntos a fazer alguma coisa por nós próprios” (AMN, 15.^a); “Mas olha que a gente não tem estudos. Porque dizes que a gente também é investigadora?” (IMP, 17.^a ed.).

Investigar em profundidade requer uma participação constante e dinâmica dos participantes, situação que é garantida pela própria metodologia de I-A e que, no nosso caso, parece ser uma mais-valia para os sujeitos, aqui também investigadores. Tal como refere Tripp (2005), a I-A é uma metodologia que utiliza técnicas que permitem informar a ação que se decide tomar para transformar/melhorar a prática. A importância que os projetos que visam a mudança do contexto/situação dos indivíduos têm para os próprios é comprovada através da necessidade de que a maior parte deles mostra em fazer parte do processo: “(...) se a gente não aparecer, também nada acontece” (AC, 2022); “Olha, até tenho saudades daquelas atividades que fizemos. Gosto muito de participar nestas coisas” (FC, 2022); “(...) estou ansioso que chegue a nova edição. Adoro ler a história de vida dos meus conterrâneos” (CS, 2021).

Relativamente à proficuidade dos processos hermenêuticos que foram implementados, eles foram extremamente relevantes para o processo. Por um lado, porque permitiram uma melhor compreensão do processo de investigação pelos sujeitos: “Agora com a publicação das atividades no jornal, já percebi exatamente aquilo que vamos fazer” (LD, 2022); “(...) é engraçado que somos nós que decidimos o que queremos fazer” (AC2, 2021). E, por outro lado, porque permitiram aos sujeitos participar com o seu conhecimento e, acima de tudo, com o *feedback* que davam do processo de investigação, ajudando a colmatar os problemas e necessidades partilhados pela comunidade: “(...) pelo que sei, acho que as pessoas não veem com bons olhos o destino da Folgosa” (JP, 2021); “Se calhar deveríamos continuar a fazer o jornal até decidirmos fazer o livro sobre a Folgosa. (...) a minha mãe parece que ficou mais viva. O facto de ter participado no jornal transformou-a” (MC, 2021).

² Todas as edições do jornal Vozes da Folgosa, estão disponíveis em www.vozesdafolgosa.pt.

³ Os nomes dos participantes no estudo foram codificados, por forma a manter o anonimato.

No dia 29 de setembro de 2023, em Armamar, realizou-se a Noite Europeia de Investigadores (NEI) contando com 20 atividades promovidas por investigadores de áreas científicas diferentes. Para além da apresentação formal do projeto VdF, o investigador promoveu, no espaço a que lhe foi reservado pela organização do evento, uma atividade dinâmica que convidava os visitantes a conhecerem as várias edições do jornal VdF e, intencionalmente, questionava-os em relação ao trabalho desenvolvido em Folgosa do Douro. Dos resultados que obtivemos das 70 participações (ver Figura 2), a maior parte dos visitantes do evento já conhecia o projeto, apesar de quase todos nunca terem lido uma única edição. As pessoas de Folgosa do Douro que se encontravam no evento não responderam às perguntas criadas para o efeito. Foram realizadas 9 questões: 1- Conhece o jornal Vozes da Folgosa? 2- Já participou alguma vez no jornal Vozes da Folgosa? 3- Alguns dos participantes do jornal Vozes da Folgosa é seu amigo/familiar? 4- Que tipo de atividades acha possível serem trabalhadas no âmbito desta investigação científica? 5- O projeto científico em causa, no qual o jornal Vozes da Folgosa se insere, já identificou e diagnosticou um conjunto de problemas e necessidades que a comunidade de Folgosa do Douro tem. Que outros problemas e necessidades acha que as pessoas de Folgosa do Douro podem ter? 6- Imagine que vai participar no projeto Vozes da Folgosa. Como gostaria de ver partilhada a sua participação? 7- O projeto Vozes da Folgosa existe desde 2014 e tem como objetivo principal construir a história de Folgosa do Douro através da oralidade dos folgosenses. Como acha que se deve concretizar esta recolha? 8- Como acha que o projeto Vozes da Folgosa pode ajudar Folgosa do Douro e os seus participantes? 9- Acha que o projeto de recolha e partilha de narrativas e histórias de vida que se realiza em Folgosa do Douro poderia também ser realizado noutras localidades pertencentes ao concelho de Armamar?

Para este estudo, as questões 8 e 9 foram as que nos parecem conter resultados mais relevantes. Relativamente às opções de resposta à questão 8 (fig.2), 33% dos sujeitos indicaram que o projeto pode ajudar as pessoas que se sentem sozinhas e 24% indicaram que o projeto pode também ajudar nos problemas e necessidades dos participantes aquando da partilha da sua história de vida (HdV). 19% acha que o projeto pode ajudar as pessoas que nele participam a melhor compreenderem a sua história.

Relativamente à questão 9, todos os participantes indicaram que seria uma iniciativa muito interessante se o projeto VdF pudesse ser realizado noutras locais pertencentes ao concelho de Armamar. 24% dos participantes reconheceu que o projeto VdF pode ajudar as pessoas a terem mais consciência de si e dos outros.

Figura 2

Questionário NEI - Armamar



A participação dos sujeitos através das redes sociais mostrou também potencialidades que a partilha de narrativas pode ter para esta comunidade. As interações que aconteceram na rede social “Facebook” mostram que os participantes preferem os espaços virtuais para participar, ao invés dos espaços presenciais. A cada edição, cerca de 300 pessoas interagiram na página do VdF no Facebook, o que nos abre pistas em relação à forma como devem ser adaptados novos projetos de I-A aos novos contextos (virtuais) e às novas formas de se comunicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos que constituem a I-A, segundo Ander-Egg (1990), são a sua dimensão de investigação, onde se promove a reflexão sistemática e crítica de determinada realidade com a ação prática na qual se pode reverter, a sua dimensão de ação, que se traduz nos procedimentos de intervenção social que geram ação e conhecimento, e, por fim, a sua dimensão participativa onde os sujeitos participantes são todos (incluindo o investigador) para os quais o projeto foi criado. A participação da comunidade é o agente ativo que gera conhecimento para e sobre a sua realidade.

A transferência e partilha de conhecimentos gerada pela I-A foi, no caso do projeto VdF, um processo que permitiu o domínio e a compreensão dos fenómenos sociais e a possibilidade de atribuição de uma compreensão ao nível do quotidiano para todos os participantes daquele contexto. Neste âmbito, não seria possível realizarmos investigação sem que pudéssemos mergulhar na realidade com os atores para os quais o projeto foi desenhado. A relação de proximidade que se estabeleceu neste projeto de investigação obrigou-nos a um papel ativo, a uma responsabilidade e ao compromisso com os participantes (Simonsen, 2009).

A utilização da metodologia de I-A pressupõe uma dimensão dinâmica “cíclica e processual requerida entre as fases de delimitação da preocupação temática, produção/análise de dados e reflexões para proposições concretuais” (Mallmann, 2015, p. 81), não sendo, por isto, possível fazer I-A a distância.

Paulo Freire enfatiza os trabalhos que geram investigação e ação, tendo em vista elevar a consciência crítica dos seus participantes. Todos os outros procedimentos que não encontrem na prática uma relação dialética entre investigar e agir, terão dificuldade em transformar os sujeitos para os quais o projeto de investigação se dirige (Freire, 2002). O mesmo acontece nas comunidades, nas estruturas e nos grupos, em que o diálogo hermenêutico deverá ser uma atividade fundamental para que haja compreensão entre as partes, construindo, a partir daqui, significados partilhados (Gadamer, 1983).

A I-A é uma abordagem metodológica que traz uma série de benefícios às ciências sociais que operam a transformação dos indivíduos e das comunidades. Devido à sua flexibilidade em adaptar-se à realidade e à sua capacidade em gerar conhecimento (investigação) e transformação (ação), levanta alguns desafios, não apenas na forma como se aplica, mas também na forma como é aceite pela comunidade científica mais tradicionalista. Perante os fenómenos sociais que vulnerabilizam os indivíduos, a I-A mostra-se particularmente relevante quando promove a participação e o empoderamento dos sujeitos, assim como a aprendizagem da situação onde se encontram, o aumento da sua consciência crítica e a atribuição de significado, sempre numa relação dialética homem-mundo.

REFERÊNCIAS

Amado, J. (2013). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ander-Egg, E. (1990). *Repensando la investigación-acción-participativa. Comentarios, críticas y sugerencias*. El Ateneo.

- Baldissera, A. (2001). Pesquisa-ação: Uma metodologia do "conhecer" e do "agir". *Sociedade em Debate*, 7(2), 5-25.
- Borda, F. (2009). *Una sociología sentipensante para América Latina*. Siglo del Hombre Editores.
- Bortoletto, N. (2017). Participatory action research in local development: An opportunity for social work. *European Journal of Social Work*, 20(4), 484-496, DOI: 10.1080/13691457.2016.1188770
- Cabiati, E., & Folgheraiter, F. (2019). Let's try to change ourselves first. An action-research on experiential learning with social work students, *Social Work Education*, 38(4), 439-452, DOI: 10.1080/02615479.2018.1547374.
- Cardoso, R. (2023). *Do local rural para o mundo digital – Reações e transformações na partilha de histórias de vida*. Lisboa.
- Costa, M. (1994). A caminho de uma pesquisa-ação crítica. *Educação e Realidade*. Vol. 16, n. 2 p. 47-52
- Coutinho, C. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas – Teoria e prática* (2ª ed.). Almedina.
- Esteves, A. (2014). A investigação-acção. In A. Silva, & J. Pinto, J. (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (16ª ed.). Edições Afrontamento.
- Ferraroti, F. (2013). Sobre a ciência da incerteza – *O Método biográfico na Investigação em Ciências Sociais*. Edições Pedagogo.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: Teoria e prática da libertação*. Editora Moraes.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17.ª ed.). Paz e Terra.
- Freire, P. (2002). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (9.ª ed.). Paz e Terra.
- Gadamer, H-G (1983). *A razão na época da ciência*. Tempo Brasileiro.
- Guerra, I. (2010). *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção*. Princípia Editora.
- Healy, K. (2006). Participatory action research and social work. A critical appraisal. *International Social Work*, 44(1), 93–105.
- IFSW. (2014). *Global definition of the social work profession*. <https://www.ifsw.org/what-is-social-work/global-definition-of-social-work/>
- Kemmis, S. (1992). *Teoría crítica de la enseñanza*. Ediciones Martínez Roca.
- Kuhn, T. (1991). *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... Com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local, investigação participativa, animação comunitária*. [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto].
- Mallmann, E. (2015). Pesquisa-ação educacional: Preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 76-98.
- Marx, K. (2020). *O capital*. Edições 70.
- Monteiro, A. (1995). *O lugar e o papel dos actores num processo de investigação-ação*. [Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Trabalho de síntese, Universidade da Beira Interior].
- Moriña, A. (2017). *Investigar con historias de vida. Metodología biográfico-narrativa*. Narcea.
- Mouro, H. (2004). A investigação no serviço social: Os anátemas de uma velha questão. *Interações*, 7, 100-109.

- Oliveira, P., & Carvalho, P. (2007). *A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire*. *Paidéia*, 17(37), 219-230.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Areal Editores.
- Richmond, M. (2005). *Diagnóstico social*. Siglo XXI de España Editores.
- Santos, B. (2002). *Introdução a uma ciência pós-moderna* (6ª ed.). Edições Afrontamento.
- Simonsen, J. (2009). The challenges for action research projects. *Scandinavian Journal of Information Systems*, 21(1), 124–14.
- Thiollent, M. (1985). *Metodologia da pesquisa-acção*. Cortez.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31, 443-466.

Recebido em 27 de março de 2024.

Aceite para publicação em 20 de junho de 2024.

Publicado em 29 de julho de 2024.